

A contribuição de Sílvio Coelho dos Santos ao estudo dos Jê do Sul

Robert R Crépeau

Departement d anthropologie Université de Montreal
robert crepeau@umontreal.ca

Resumo

E a contribuição do professor Silvio Coelho dos Santos ao estudo dos povos Jê do sul do Brasil que pretendo sublinhar aqui. Até recentemente uma boa parte do conhecimento etnológico produzido sobre os Jê do sul era diretamente ligada aos esforços de Silvio Coelho dos Santos que publicou vários livros e artigos já clássicos sobre essa temática. A dedicação de Silvio Coelho dos Santos com a pesquisa etnológica realizada em Santa Catarina sobre os Xokleng e os Kaingang é exemplar de uma antropologia comprometida atenta às dinâmicas local, regional e nacional tão importantes para o conhecimento da realidade dos povos indígenas do Brasil. Através de citações de sua obra e de uma entrevista, apresentarei aqui um breve retrato do aporte do professor Silvio ao nosso entendimento das culturas Kaingang e Xokleng.

Palavras-chave: Jê do Sul, Kaingang, Xokleng, Santa Catarina, fricção interétnica, indigenismo, poder, identidade, direitos dos povos indígenas.

Abstract

Here I intend to concentrate on the contribution of Professor Silvio Coelho dos Santos to the studies of the Ge peoples of Southern Brazil. Until recently a large part of the ethnological knowledge produced about the Ge of the south was directly linked to the efforts of Silvio Coelho dos Santos who published various articles and books now classics on this theme. Silvio's dedication to ethnological research conducted in Santa Catarina among the Xokleng and Kaingang is a model of committed anthropology one that is attentive to the local, regional and national dynamics so important for knowledge of the reality of Brazil's indigenous peoples. Using references from his works and an interview, I will present here a brief portrait of the legacy of Professor Silvio to our understanding of the Xokleng and Kaingang cultures.

Keywords: Southern Ge, Kaingang, Xokleng, Santa Catarina, interethnic friction, indigenism, power, identity, indigenous rights.

Quando se fala da existência de indígenas no sul do Brasil
muitas pessoas ficam surpresas (Santos 1987 15)

The regional specialist is aware (I think has always been aware)
that research has not consisted of an encounter between a
fieldworker and the Other but the nuanced continuation and
modification of a relation between an approach delineating a region
and the people who live within it (Fardon 1990 25)

Introdução

O professor Silvio Coelho dos Santos é uma figura chave da Antropologia brasileira. E a sua contribuição aos estudos dos povos Jê, do sul do Brasil, que pretendo sublinhar aqui. Até recentemente, uma boa parte do conhecimento etnológico produzido sobre os Jê do sul era diretamente ligada aos esforços de Silvio Coelho dos Santos, que publicou vários livros e artigos, já clássicos, sobre o tema. A implicação e a sua dedicação com a pesquisa etnológica realizada em Santa Catarina sobre os Xokleng e os Kaingang são exemplares de uma antropologia comprometida, atenta às dinâmicas local, regional e nacional tão importantes para o conhecimento da realidade dos povos indígenas do Brasil (Santos 2007). Através de citações de sua obra, e de uma entrevista, apresentarei aqui um retrato do aporte do professor Sílvio ao nosso entendimento dos índios do Brasil. Tentarei sublinhar também os grandes aportes de nosso colega referente ao estudo das culturas Kaingang e Xokleng.

A minha contribuição tem a ver com uma pesquisa iniciada em 1990 durante um pos-doutorado na Unicamp, sobre a orientação do professor Roberto Cardoso de Oliveira. Iniciei então um trabalho sobre a trajetória intelectual de Roberto Cardoso de Oliveira e focalizei sobre as famosas turmas do Roberto no Museu Nacional. Durante o mesmo ano, tive várias conversas sobre os Kaingang com o meu colega Alvaro Musolini, que pesquisava numa área do Estado de São Paulo. Alvaro mencionou o fato estranho da retomada, depois de anos de abandono, de um importante ritual funerário pelos Kaingang de Santa Catarina. Pouco tempo depois, encontrei por acaso, num pe-

queninho sebo do centro de Campinas, numeros dos *Anais do Museu de Antropologia da UFSC* varios desses incluindo uma contribuição do professor Silvio Coelho dos Santos Comecei então a me familiarizar com o seu trabalho

Logo depois, tive a oportunidade de ler o seu livro *Índios e brancos no sul do Brasil*, que apresentava um contexto antropológico bastante diferente do que eu havia conhecido na Amazônia peruana durante minha pesquisa de doutorado David Maybury Lewis o citava na introdução de *Dialectical Societies* um importante livro coletivo que resumia os resultados do famoso Harvard Central Brazil Project, dos anos 1960 sobre os Jê do Brasil “*The Southern Gê are even farther afield They live in the state of Santa Catarina about eight hundred miles south of Brasilia () Indeed we did not include them in our original research plan because we thought erroneously I am happy to say that they had died out or at least that their way of live was extinct Recent research by Silvio Coelho dos Santos (1973) and Gregory Urban (1978) has shown however that the Kaingang and the Shokleng are still living in recognizable Gê style*” (Maybury-Lewis 1979 6)

Em 1992, tive a oportunidade de voltar ao Brasil e viajar a Florianópolis para realizar uma entrevista com o professor Sílvio em 27 de Agosto¹ Divulgo aqui pela primeira vez algumas partes dessa entrevista A nossa conversa continuou desde então

A persistência dos Jê do sul

Em referencia a persistência dos Jê do sul, em 1979, David Maybury-Lewis (*ibid*) citava *Índios e brancos no sul do Brasil A dramatica experiência dos Xokleng* publicado em 1973, que era a tese de doutorado do Sílvio defendida na USP no ano anterior Porém, Maybury-Lewis podia também citar *Educação e sociedades tribais* de 1975, ou *O homem índio sobrevivente do Sul*, um livro bilíngue, português-inglês, ao titulo bastante explicito, publicado em 1978 Ambos retomavam uma matéria ja publicada em 1971 (Santos, 1971) As grandes linhas do quadro divulgado então ficam basicamente atuais

Em 19 postos mantidos pela FUNAI localizados na região sul vivem no presente 7 809 indigenas A maioria desses 84 72% integra o grupo Kaingang Os demais pertencem aos grupos Xokleng (3 93%) Guarani

(11 95) e Xeta (0 1%) Além dessa população assistida pelo órgão federal existem na região índios vivendo destribalizados tanto na área rural quanto nas vizinhanças de núcleos urbanos (Santos 1978 p 37)

Em referência a persistência da cultura dos Kaingang

Nesse quadro de vida miserável entretanto os Kaingang não deixam de manter um alto grau de identidade étnica que lhes permite se apresentar diferenciadamente no contexto da população regional Assim continuam sendo índios (Santos 1975a p 86)

Em um trabalho posterior, publicado em 1981 ao título, de novo explícito, *Indigenismo e expansão capitalista Faces da agonia Kaingang* no qual ele apresenta os resultados do seu trabalho de campo no Posto Indígena Chapecó², propõe uma explicação da persistência da cultura Kaingang apesar do violento processo de dominação e espoliação

() os Kaingang emergem do mundo colonizado com o merito de não terem apenas que sobreviver como também o de manterem em operação diversos aspectos de sua cultura tradicional Isso foi possível parece nos na medida em que o contato mantido desde o século XVII quando diversos grupos Kaingang foram utilizados pelos bandeirantes em suas razias contra os guaranis não atingiu todos os bandos simultaneamente — ou com a mesma intensidade — nem tampouco envolveu todos os componentes de um mesmo bando O completo envolvimento dos Kaingang pela sociedade nacional só começou a ocorrer há 100 anos e efetivamente se concretiza nos últimos 50 anos quando o modo de produção capitalista se insere em definitivo na zona rural dos estados do sul (Santos 1981 8)

É significativo constatar que, mesmo sendo catarinense o professor Silvio não conhecia a existência dos povos indígenas no seu estado natal antes de matricular-se em cursos de antropologia

Devemos confessar que somente fomos tomar conhecimento da existência de minorias tribais nos estados do sul quando realizávamos curso de especialização em Antropologia Sabíamos por estórias e casos narrados por saudosos membros da família que os índios haviam vivido aqui Mas não tínhamos conhecimento de sua existência ainda Talvez a razão desse desconhecimento fosse nossa precária vivência do interior Talvez fosse a falta de informação bibliográfica que em particular nos livros didáticos ainda continua em dias do presente a apresentar o indígena como um personagem histórico e portanto desaparecido (Santos 1987 16)

Além da teoria da fricção interétnica

Em 1962, Sílvio Coelho dos Santos já era professor universitário da UFSC. Entre março de 1962 e fevereiro de 1963 ele foi estudante no Museu Nacional, no qual cursou especialização em Antropologia Cultural e Sociologia Comparada sob a orientação do professor Roberto Cardoso de Oliveira³. Sílvio participou então, na companhia de Roberto, de uma pesquisa de campo sobre os Tikuna do Alto Solimões, na Amazônia⁴, que foi publicada com o título *O Índio e o Mundo dos Brancos* (Cardoso de Oliveira 1964). Sílvio começou desde aquela época a contribuir para uma etnologia da fricção interétnica, que criticava a teoria da aculturação, tomando a sério os aportes recentes do estruturalismo e do marxismo, notadamente a noção de colonialismo interno.

No Museu a gente entrou no esquema de um seminário que procurava digamos assim um nivelamento teórico. Depois o campo entrava como a verificação empírica da validade das teorias. Então nesse aspecto foi uma mudança fundamental (). Foi realmente uma lavagem cerebral. Quer dizer, houve uma mudança muito grande. E quando voltei para cá por influência de Roberto Cardoso de Oliveira que estava interessado em testar a teoria da fricção interétnica — tanto eu como Cecília Helm que era do Paraná — montamos projetos com populações indígenas baseados na teoria da fricção (entrevista concedida ao autor em 1992).

Já em março de 1963 o professor Sílvio formulou um projeto de pesquisa intitulado “Os Grupos Jê em Santa Catarina” que foi apresentado como conclusão de curso de especialização do Museu Nacional e que “pretendia focalizar as relações mantidas entre os grupos tribais sobreviventes e os brancos, além de uma análise comparativa de sua organização social” (Santos, 1987: 12). O trabalho de campo foi iniciado em maio de 1963. Em julho, uma primeira visita aos Xokleng da reserva de Ibirama marca o início da pesquisa (*ibid.*), que resultaria, em 1972, na tese de doutorado intitulada *Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*, defendida na Universidade de São Paulo sob a orientação do professor João Batista Borges Pereira e publicada em 1973. Se fala de uma contribuição de primeira ordem sobre o contato e a pacificação dos Xokleng, inspirada pela teoria da fricção interétnica, mas também uma preocupação com uma ciência utilitária.

A dramática experiência dos Xokleng nos leva claramente a reconhecer que os interesses das sociedades tribal e nacional são contrários () o problema para a Antropologia sempre deveria ser o de destacar um quadro existente, para de um modo ou outro se pensar em ações capazes de minorar o impacto sofrido pelos integrantes das sociedades tribais. Dessa maneira apoiar aos índios inteligentemente, sem estereótipos ou preconceito sem pretensão de dominação ou aculturação imposta já seriam alguns excelentes pontos de referência para se iniciar a ação (Santos 1987:294)

A teoria da fricção interétnica continuou a ter um papel heurístico importante para o professor Sílvio, mas seu uso foi rapidamente ampliado por diversos aportes

É uma teoria que a gente continua utilizando depende do tipo de análise que deseja fazer. É claro de que hoje essa teoria tem sido revista sobre vários aspectos e criticada () Agora os trabalhos que eu tenho feito ultimamente são muito mais numa linha de macro política quer dizer eu estou envolvido nessa questão seja de direitos de minoria seja nessas questões de consequências de grandes obras de engenharia. Então tem me interessado muito mais numa visão digamos assim que até ultrapassa os horizontes da antropologia eventualmente você tem que estar recorrendo a economia a sociologia a própria ciência política. A questão de políticas públicas são coisas que você começa a ter ideia de processos bem mais complexos e que os esquemas digamos assim muito etnográficos acabou não respondendo de maneira satisfatória (Entrevista 1992)

Uma antropologia do poder

Considero que um dos grandes aportes do professor Silvio aos estudos dos Jê do sul é um olhar crítico sobre a história do contato através de uma etnografia do poder que seja local regional ou nacional. Podemos citar os seus livros já mencionados *Índios e brancos no Sul do Brasil* ou *Indigenismo e expansão capitalista* *Faces da agonia* *Kaingang*, como ilustrações dessa abordagem aos três níveis. No nível regional podemos citar, entre vários, o seu estudo sobre a função dos postos indígenas em Santa Catarina na integração dos índios na sociedade regional.

Os Postos Indígenas em Santa Catarina nunca fundamentaram suas atividades numa política indigenista consistente. Assim as populações tribais foram apenas alvo de medidas assistenciais e estas se limitavam as exíguas disponibilidades orçamentárias. O órgão de proteção oficial mantenedor dos postos indígenas, mal teve recursos

para assegurar áreas territoriais aos grupos tribais. Em alguns casos, quando os grupos eram pouco representativos numericamente, não se chegou mesmo a garantir a sobrevivência física dos seus integrantes. Depois, nas reservas em que se estabeleceram Postos Indígenas, o órgão de proteção não conseguiu resguardar o patrimônio tribal. A ecologia dessas reservas foi alterada pela devastação da flora e fauna, com consequências serias para a manutenção do equilíbrio alimentar dos grupos aldeados. (Santos, 1970: 105)

Em nível local, mencionamos os estudos das lideranças indígenas que o professor Sílvio realizou com entrevistas dos caciques e observações etnográficas do poder local:

() a sombra dos burocratas do indigenismo oficial desenvolveu-se uma situação muito particular. Diversos líderes indígenas assumiram funções nos quadros da FUNAI. A maioria desses líderes está cooptada pelos detentores de mando na agência oficial de proteção e pela sociedade regional, costumando se apropriar por si ou por suas famílias/facções das diferentes vantagens que os cargos lhes asseguram. Isto tem criado diferentes tensões no interior de diversas Áreas indígenas e certamente será motivo de graves conflitos no futuro. () A presença crescente de indígenas nas esferas de decisão do órgão oficial de proteção deve ser ampliada, desde que centrada numa participação mais igualitária e responsável. Assim sendo, qualquer discussão sobre os projetos de futuro de uma Área indígena passa necessariamente pelo envolvimento dos líderes não formais que, em regra, estão mais afinados com os interesses de suas comunidades. (Santos, 1977a)

Uma abordagem da identidade

Da obra do professor Sílvio destaca-se uma concepção da identidade como construção resultando das interações e confrontos entre grupos e sociedades. Longe de uma postura essencialista, é uma abordagem dinâmica que permite pensar a singularidade dos Xokleng e dos Kangang como sociedades indígenas num mundo plural. Referente aos Xokleng, que foi o grupo Jê mais estudado pelo professor Sílvio, na conclusão do belo livro *Os Índios Xokleng: Memória visual* afirma-se que “ os Xokleng continuam sendo mantenedores dos espaços da diferença cultural, que lhes permite continuar a ser índios, a ser um povo ” (Santos, 1997 b: 119).

O estudo da organização social dos Jê do sul e também tributário desse contexto interativo

Os Xokleng se apresentavam a época da pacificação como um dos únicos povos referidos na literatura etnológica que admitiam praticar todas as formas possíveis de matrimônio. Ou seja, praticavam a monogamia, a poligamia e a polândria. E representavam dados que tornavam plausível a ocorrência de casamento conjunto. Além disso, não tinham regras explícitas quanto à fixação de residência ou claros princípios de descendência. Tudo isto evidentemente porque o grupo estava vivendo sob condições excepcionais. E na luta pela sobrevivência física parece que somente o indispensável era mantido em termos culturais. (Santos 1987: 219)

O professor Silvio critica o essencialismo de Jules Henry (1941), o etnógrafo dos Xokleng na década de 1930, que descreveu o sistema social Xokleng sem considerar de forma adequada o contexto real no qual eles estavam inseridos.

E evidente que Henry não logrou formular um modelo da organização social Xokleng. Embora os dados que apresenta sejam reais, não há a consideração explícita de que o grupo sobreviveu graças a uma série de arranjos organizatórios. (Santos 1987: 219)

Já em 1973 o professor Silvio documentou a preeminência e o dinamismo do sistema de nomeação dos Xokleng, o que, a meu ver, foi o resultado mais importante do Harvard Central Brazil Project (Maybury-Lewis, 1979) sobre os Jê do Brasil.

parece que Henry não percebeu que o sistema de nomeação e a estrutura básica da sociedade Xokleng, pois através dele e que o indivíduo ingressa no grupo e obtém uma posição social determinada. Assim, a criança recém nascida ao receber seus nomes de um parente — ou de qualquer membro do grupo — nomes esses que já pertenceram a um indivíduo falecido, obtém ingresso no mundo tribal através da identificação e da posição social que lhe é conferida com os nomes. Sua posição e a mesma que a do indivíduo falecido e com ele será tratada. Pertencera ao mesmo grupo de pintura que o indivíduo falecido pertencia. Será designada através da terminologia de parentesco e particularmente pela pessoa que a nominou, da mesma maneira que se designava o sujeito desaparecido — numa evidente quebra do princípio de geração. (Santos 1987: 223)

Assim, o sistema de nomeação é analisado como uma entidade dinâmica que reagiu ao confronto e integração dos Xokleng com a sociedade regional.

A tendência do grupo e comportar-se a maneira dos brasileiros da área e, nesse sentido, o casamento monogâmico, a residência neolocal, o

compadrio e o uso da terminologia de parentesco da sociedade regional são situações comuns e pode se dizer desejadas pelos membros do grupo. Contudo poucos são os Xokleng que possuem nomes em português—pois o comum é desejado e nomear crianças através dos caminhos tradicionais. Por que isso ocorre? Por que os componentes do grupo tribal tanto se esforçam para se comportar como brancos e ao mesmo tempo enfatizam a necessidade de nomear as crianças recém nascidas com os nomes tradicionais? (*ibid.* 222)

A resposta é que o sistema de nomeação tradicional persiste como “manifesto a identificação tribal” e “é o mecanismo pelo qual o grupo fundamenta sua sobrevivência e identificação como sociedade” (*ibid.* 229). Uma conclusão que podemos estender aos Kaingang.

Uma hipótese ecológica

Há vários anos já, eu fiquei intrigado por uma hipótese ecológica formulada pelo professor Sílvio referente ao papel da fruta do pinheiro, o pinhão, para os grupos Jê do planalto.

Nem sempre eles [os Xokleng] foram habitantes da floresta. Outrora ocupavam o planalto onde predominam campos naturais entremeados de pinheirais. Ali praticavam alguma agricultura e tinham o pinhão a base do seu regime alimentar (). O pinhão para eles sempre foi a maior dádiva da natureza. Essa dádiva deveria entretanto ter sido disputada por vários grupos tribais e não há dúvida que as lutas entre Xokleng e Kaingang ocorreram em função do domínio desse território onde o pinheiro era farto. Os Xokleng foram assim empurrados para a borda do planalto e daí para a floresta que cobria a encosta e vales (Santos 1987: 38).

Hoje em dia é óbvio que seria bastante difícil testar etnologicamente essa hipótese, porém parece uma pista de pesquisa pertinente para os arqueólogos. Para os etnólogos, o professor Sílvio indica uma outra pista de investigação “ecológica”.

Na falta de condições de tirar da natureza o que necessitam para sobreviver parece que os índios agora se especializam em fazer suas incursões de caça e coleta nos espaços urbanos particularmente nos domínios da burocracia (Santos 1997b: 118-119).

Os direitos dos povos indígenas

A contribuição do professor Sílvio a uma reflexão sobre direitos, lei e constituinte é um importante aporte para a antropologia brasi-

leira em geral, e, mais especificamente, ao estudo dos Jê do sul. Esse interesse pelo direito vem de longe.

Fui um estudante de direito que não acabou o curso. Por várias razões num certo momento eu acabei desistindo. Mas é claro que essa relação acabou me dando uma aproximação real com a área do direito. Quando eu terminei o meu doutorado como não havia mestrado em área de ciências humanas e sociais na universidade eu acabei sendo professor do primeiro mestrado que surgiu na área de direito. Isso acabou sendo uma coisa importante. (Entrevista 1992)

O desafio das hidrelétricas concretizou o interesse do professor SÍLVIO para uma abordagem legal.

A Eletrosul começou alguns estudos de aproveitamento do potencial hidroelétrico da bacia do Rio Uruguay. Eu acabei sendo convidado para apresentar para esse grupo de técnicos da Eletrosul alguns dados sobre as populações indígenas que estavam ao longo do rio e dos seus afluentes. E dessas conversações acabou surgindo uma ideia mais clara da dimensão do projeto da Eletrosul e eu comuniquei a eles que aquelas informações que eu estava dando não tinham uma segurança precisa para eles definir os projetos que eles queriam, que ia precisar mais estudos e toda essa coisa porque era muito difícil você ter uma planta e mapa mais ou menos precisas e você dizer se tem uma população indígena ou não ali, muito difícil, não é? Então encima disso acabou se fazendo um primeiro projeto para a Eletrosul trabalhando encima das repercussões que haveria esse projeto para os índios. Num determinado momento desse projeto surgiu a questão da indenização. Então nesse contexto surgiu para nós uma questão: umas populações indígenas não deve ser indenizada financeiramente? Fizemos uma consulta a um advogado que era amigo nosso, que se movimentava nesse momento dentro dum movimento maior que a gente participava, que era um movimento para segurar os direitos indígenas dentro dum país autoritário. Esse advogado fez um parecer a respeito e um levantamento da legislação indígena. Surgiu então um primeiro parecer jurídico sobre que, em caso de ser necessário deslocar uma população indígena ou ocupar uma parte das terras se não tivesse outra solução, a indenização deveria ser em terra. Quando esse parecer jurídico saiu, isso acabou tendo uma grande repercussão na área jurídica mais ampla. A gente começou a ter várias solicitações etc. dentro desse entendimento também na área da antropologia. A partir daí e que começou a surgir a ideia de que nós devíamos trazer mais advogados e colocar mais antropólogos em contato com eles. (Entrevista 1992)

O professor Silvio tem analisado de forma concreta e precisa a legislação brasileira usando vários estudos de casos Ibirama, o Toldo Chumbangue, o Vale do Javari, etc

A legislação indigenista () vigente no Brasil esta fundamentada na otica do colonizador Não ha espaços nessa legislação para a manutenção da diferença fundamentada numa concepção plurietnica e multisocietaria do Estado Isto era o que impunha revisar (Santos 1989 54)

Porém, a utilização da ordem juridica continua sendo uma ferramenta importante para as lutas dos Jê do sul

A utilização da ordem juridica imposta pela sociedade nacional pode ser um meio de extrema importância para sustar e ou reorientar decisões tomadas unilateralmente ao nivel da tecnico burocracia que gerencia o indigenismo oficial ou que implementa projetos que ameaçam tanto o territorio como a propria sociedade indigena () A conquista de decisões judiciais que originem uma jurisprudência favoravel as sociedades indigenas parece nos pois ser uma etapa decisiva para o resguardo dos interesses mais imediatos de populações indigenas como so ocorre com o grupo de Chapeco Paradoxalmente a agonia dos Kangang pode ser atenuada pela utilização das regras juridicas impostas pelo colonizador (Santos 1981 65)

Um pesquisador engajado frente a academia e as sociedades regional e nacional

Para concluir, poderíamos dizer que o estudo dos Jê do Sul é a parte chave de uma atuação maior do antropologo dentro da academia (Santos, 1974, 1975b, 1986) e das sociedades regional e nacional

Acreditamos que os estudiosos da Etnologia brasileira precisam ser mais incisivos em seus pronunciamentos sobre o desenvolvimento pratico das ações oficias destinadas a proteger e assistir aos silvicolas Precisam tambem se preocupar mais com o destino das populações tribais que estudam formulando e defendendo normas claras de ação e serem aplicadas pelos administradores responsaveis pela proteção e assistência Precisam finalmente demonstrar aos executores do indigenismo oficial que não são os meros colecionadores de artefatos ou simples curiosos de exoticas formas de matrimônio parentesco sistemas econômicos explicações ideologicas ou estruturas linguisticas Mas sim que são estudiosos de composições culturais que o homens conseguiu formular em sua luta pela sobrevivência e que alem disso vêm seu objeto de pesquisa antes de todo como homens (Santos 1970 13)
Queremos tambem ressaltar a etica e a dedicação de um cientifico

engajado por quem a objetividade e o resultado de uma intersubjetividade que inclui intimamente a pessoa do investigador Foi junto com eles [os Xokleng] que nossa esposa passou grande parte de sua primeira gravidez Foi junto a eles que nosso filho mais velho aprendeu a andar Foi junto a eles que aprendemos a valorizar a vida simples e o riso franco Foi junto a eles que conseguimos entender a sociedade em que vivemos (Santos 1987 11)

O professor Sílvio praticava uma antropologia em regime de artesanato”, como ele mesmo descreve o seu trabalho, usando um conceito emprestado ao sociólogo Wright Mills Vale a pena transcrever aqui uma parte da citação do Wright Mills, que o professor Sílvio colocou numa nota de rodapé da introdução do seu mais importante livro, *Índios e Brancos no Sul do Brasil*

() os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual () escolheram não separar seu trabalho de suas vidas Encaram ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra () (Santos 1987 15 nota 1)

Notas

- ¹ Pela pequena história dos acasos que não são viajei de São Paulo a Florianópolis sentado ao lado de Jean Langdon que não conhecia pessoalmente então Alias so através dos seus artigos sobre os Siona da Colômbia Não conversamos durante o voo mas depois do pouso perguntou por um hotelzinho comentando que fazia uma visita ao professor Sílvio Coelho dos Santos da UFSC
- ² Hoje denominada Terra Indígena Xapeco
- ³ A turma de 1962 incluía Cecília Maria Vieira Helm Maria Stella de Amorim e Marcos Magalhães Rubinger
- ⁴ Na qual participou também Cecília Maria Vieira Helm que também se dedicou depois a estudar os Kaingang

Referências Bibliográficas

- CARDOSO DE OLIVEIRA Roberto *O índio e o mundo dos brancos a situação dos Tikuna do Alto Solimões* São Paulo Difusão Europeia do Livro 1964
- FARDON R Localizing strategies the regionalization of ethnographic accounts general introduction In ____ (Ed) *Localizing strategies regional traditions of ethnographic writing* Edinburg Scottish Academic Press Washington Smithsonian Institution Press 1990

Robert R Crepeau

- HENRY Jules *Jungle people* a Kaingang Tribe of the Highland of Brazil
Foreword by Ruth Benedict New York Vintage Books 1964
- MAYBURY LEWIS David (Ed) *Dialectical societies* the Gê and Bororo of
Central Brazil Cambridge Harvard University Press 1979
- SANTOS Silvio Coelho dos *A integração do índio na sociedade regional* a fun-
ção dos postos indígenas em Santa Catarina Florianópolis Ed da UFSC
1970
- SANTOS Silvio Coelho dos A situação dos indígenas no Sul do Brasil In
GRUNBERG G (Coord) *La situation de los indígenas en America del Sur*
Montevideo Biblioteca Científica Tierra Nueva 1971 p 421 433
- SANTOS Silvio Coelho dos *Índios e brancos no Sul do Brasil* a dramática expe-
riência dos Xokleng Porto Alegre Movimento 1973
- SANTOS Silvio Coelho dos As bases de trabalho do pesquisador científico
Anais do Museu de Antropologia v 7 n 7 p 7 26 1974
- SANTOS Silvio Coelho dos *Educação e sociedades tribais* Porto Alegre Movi-
mento 1975a
- SANTOS Silvio Coelho dos A antropologia como ciência no contexto da
universidade em Santa Catarina *Anais do Museu de Antropologia* v 7 n 8
p 125 133 1975b
- SANTOS Silvio Coelho dos *O homem índio sobrevivente do sul* antropologia
visual Florianópolis UFSC Caxias do Sul UCS Porto Alegre ANAI Es-
cola Superior de Teologia São Lourenço de Brundes Garatuja 1978
- SANTOS Silvio Coelho dos Indigenismo e expansão capitalista faces da
agonia Kaingang *Cadernos de Ciências Sociais* v 2 n 2 p 1 73 1981
- SANTOS Silvio Coelho dos Questionando a universidade que temos subsi-
dios para a revisão da estrutura da Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) estudo de caso *Educação Brasileira* v 8 n 17 p 127 157 1986
- SANTOS Silvio Coelho dos *Índios e brancos no Sul do Brasil* a dramática expe-
riência dos Xokleng 2 ed Porto Alegre Movimento 1987
- SANTOS Silvio Coelho dos *Os povos indígenas e a Constituinte* Porto Alegre
Movimento Florianópolis Ed da UFSC 1989
- SANTOS Silvio Coelho dos Leaders amerindiens et indigenisme gouver-
nemental dans le sud du Brésil Tradução de Robert Crepeau *Recherches
Amerindiennes au Quebec* v 27 n 2 p 51 60 1997a
- SANTOS Silvio Coelho dos *Os índios Xokleng* memória visual Florianópolis
Ed da UFSC Ed da Univali 1997b
- SANTOS Silvio Coelho dos *Ensaio oportuno* Florianópolis Academia Cata-
rinense de Letras Nova Letra 2007
- URBAN Greg *A model of Shokleng social reality* Tese (Doutorado em
Antropologia) – Departamento de Antropologia Universidade de Chicago
1978